

Categorização da primeira entrevista

Categorias	Subcategorias	Indicadores
1. Situação profissional	1.1. Tempo de serviço docente	(...) Estou no décimo terceiro ano de serviço (...) (1)
	1.2. Contextos de serviço docente	(...) tenho trabalhado com várias faixas etárias, desde a creche, dois, três, quatro, cinco anos de idade (...) (2) (...) Fiz uma interrupção de apenas um ano onde trabalhei na Universidade (...) (3) (...) mantive-me sempre na mesma instituição (...) (4)
2. Gestão do currículo	2.1. Presença das normas sociais nas <i>Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar</i>	(...) temos a Formação Pessoal e Social que nos dá essa perspetiva [das normas] nas OCEP (...) (5) (...) é por onde nós nos seguimos (...) (6) (...) é importante para nós também (...) (7)

	2.2. Presença das normas sociais no Projeto Educativo e no Projeto Curricular de Grupo	<p>(...) Eu acho que as normas sociais (...) têm que estar [presentes] (...) (8)</p> <p>(...) Elas estão presentes sempre, em tudo quanto fazemos e no Projeto Curricular de Grupo e no Projeto Educativo são contempas sempre, pois são parte fundamental da prática pedagógica (...) (9)</p>
3.Representação do conceito de norma social	3.1. Conceção do conceito de norma social	<p>(...) as normas sociais, [ou] as regras como nós lhes chamamos aqui [jardim de infância] (...) (10)</p> <p>(...) acho que são os comportamentos, não sei se será bem isto, (...) [são] os comportamentos socialmente aceites (...) (11)</p> <p>(...) Vivemos em sociedade e há uma série de regras que temos de cumprir para viver nessa mesma sociedade e respeitar os outros (...) (12)</p> <p>(...) A partir daí temos uma convivência saudável (...) (13)</p> <p>(...) são elas que promovem a convivência entre os vários intervenientes (...) (24)</p>
	3.2. Presença das normas sociais na Educação Pré-Escolar	<p>[as normas sociais] estão presentes em tudo o que fazemos diariamente, em todas as rotinas, em todas as atividades têm que estar (...) (14)</p> <p>(...) nós vivemos em grupo e, como tal, se há uma vivência em grupo tem que haver</p>

		<p>normas, regras que regem esse grupo (...) (15)</p> <p>(...) elas estão presentes em todos os momentos (...) (16)</p> <p>(...) mesmo que não se pense demasiado nelas, nem se diga neste momento é esta regra que tem de ser cumprida ou aquela, elas estão presentes e têm que estar presentes (...) (17)</p> <p>(...) a vivência em grupo assim o exige (...) (18)</p> <p>(...) é inevitável, elas são inerentes a toda a prática diária (...) (19)</p> <p>(...) na educação pré-escolar (...) elas estão presentes diariamente em todos os momentos, em todas as situações, em todas as atividades (...) (20)</p> <p>(...) têm de estar presentes (...) (21)</p> <p>(...) nós temos um grupo de vinte e dois, neste caso vinte e dois meninos, se não houvesse regras (...) (22)</p>
	<p>3.3. Importância atribuída ao desenvolvimento de normas sociais na criança</p>	<p>(...) é fundamental a existência de regras (...) (23)</p> <p>(...) são muito importantes mesmo [para o desenvolvimento moral e social da criança] (26)</p> <p>(...) nós estamos a formar os futuros adultos, são pessoas, são eles que vão viver em sociedade (...) (27)</p> <p>(...) eles [as crianças] têm que perceber desde pequenos que têm de obedecer a</p>

		<p>determinadas regras (...) (28)</p> <p>(...) têm de cumprir determinadas regras para poderem respeitar os outros e serem respeitados (...) (29)</p> <p>(...) eu acho que se a criança tem de cumprir a norma ela tem que a conhecer (...) (30)</p> <p>(...) então nós começamos a falar nessas regras logo na sala do um ano, na dos dois (...) (31)</p> <p>(...) elas [as crianças] têm de as respeitar [as normas], para as respeitar têm de as conhecer (...) (32)</p> <p>(...) têm de ser elas [as crianças] a negociá-las, a saberem o que devem fazer, o que não devem fazer, o que é que podem e o que é que não podem fazer (...) (33)</p> <p>(...) acho que é importantíssimo eles conhecerem essas regras (...) (34)</p> <p>(...) se não as conhecem não as conseguem cumprir (...) (35)</p> <p>(...) se [as regras] forem impostas é muito mais difícil, é muito mais difícil ser imposto do que serem elas [as crianças] espontaneamente a dizer “olha não posso fazer isto” (...) (36)</p> <p>(...) elas [as crianças] vão adquirindo e interiorizando (...) (37)</p> <p>(...) vão aprendendo (...) (78)</p> <p>(...) há a negociação, a cooperação, há tudo isto que faz com que as regras sejam interiorizadas, e são securizantes (...) (44)</p>
--	--	--

		(...) para eles saberem que em determinada situação têm que agir de determinada maneira dá segurança à criança (...) (45)
4. Papel da educadora no desenvolvimento de normas sociais	4.1. Atividades e estratégias desenvolvidas para promover normas sociais	<p>(...) atividades, concretamente, em todas elas está a norma presente (...) (38)</p> <p>(...) o respeito pelos materiais (...) (39)</p> <p>(...) o esperar pela sua vez (...) (40)</p> <p>(...) [quanto às] estratégias, as regras são definidas no início do ano, normalmente são debatidas em grande grupo, eles conhecem-nas perfeitamente (...) (41)</p> <p>(...) este ano, por acaso, não aconteceu isso (...) (42)</p> <p>(...) normalmente [as regras] são registadas, faz-se um registo grande onde se expõem as regras, elas ilustram, sabem a ordem delas e tudo, conhecem-nas perfeitamente e assim é mais fácil também eles... interiorizarem essas regras (...) (43)</p> <p>(...) o momento em que o educador não está diretamente envolvido na atividade é um momento em que eles acabam por gerir essas regras e impor essas regras (...) (46)</p> <p>(...) a estratégia passa pelo que eu disse: a construção das regras em grupo, negociação dessas regras, a cooperação, a partilha dos materiais, esperar pela sua vez, temos inclusive um mapa de tarefas que nos ajuda um bocadinho nessa organização (...) (47)</p> <p>(...) quem é que arruma as mesas, quem é que arruma os materiais, tudo isso são</p>

		<p>estratégias para eles irem adquirindo essas regras, essas normas (...) (48)</p> <p>(...) desde que as regras sejam construídas com eles [as crianças], eles reconhecem-nas e sabem respeitá-las (...) (49)</p> <p>(...) sabem perfeitamente o que podem e o que não podem fazer (...) (50)</p> <p>(...) eu acho que todo o trabalho desenvolvido acaba por ir nesse sentido, vai sempre nesse sentido (...) (54)</p> <p>(...) é também através desses comportamentos que vão assimilando essas mesmas regras (...) (60)</p> <p>(...) há sempre a tentativa de passar a ideia de que é importante a refeição, é importante fazer silêncio, é importante respeitar os outros, é importante não deitar comida para o chão (...) (63)</p> <p>(...) todos os dias vamos fazendo e a norma inevitavelmente vai sendo interiorizada (64)</p>
	<p>4.2. Normas sociais conhecidas, compreendidas e aplicadas pela criança</p>	<p>(...) o respeito pelo outro, pelos materiais que utilizam, a partilha, a cooperação, a interajuda são normas que considero que as crianças, de um modo geral, já interiorizaram (...) (51)</p> <p>(...) o respeito pelos elementos a quem são atribuídas as tarefas, o respeito pelos mais</p>

		<p>novos no espaço exterior, a arrumação dos materiais que utiliza e não estragarem os materiais são normas que elas [as crianças] já conhecem (...) (52)</p> <p>(...) são meninos que já estão a fazer os seis anos e já compreendem muito bem como é que devem agir (...) (53)</p> <p>(...) Elas [as crianças] sabem muito bem aquilo que podem e não podem fazer em cada espaço (...) (55)</p> <p>(...) as regras são constantemente recordadas e são conhecidas por cada criança (...) (58)</p>
	<p>4.3. Normas sociais que ainda não são conhecidas, nem compreendidas, nem aplicadas pela criança</p>	<p>(...) as crianças conhecem as normas que foram negociadas e definidas na sala, as regras são conhecidas e interiorizadas, mas sempre que há oportunidade tentam contorná-las (...) (56)</p> <p>(...) é lógico que estão sempre a tentar transgredir, estão sempre a tentar fazer como eles querem, mas sabem como é que têm de fazer e sabem o que é que não podem fazer dentro da sala (...) (57)</p> <p>(...) é natural que as crianças de cinco anos tentem contorná-las, infringi-las (...) (59)</p> <p>(...) o refeitório, acho que é o espaço mais complicado que nós temos no jardim de infância (...) (61)</p> <p>(...) é um espaço [o refeitório] onde estão oitenta e seis crianças a comer e que (...) nem</p>

		sempre é fácil que respeitem, que façam pouco barulho, que comam (...) (62)
5. Conceção da educadora cooperante acerca da transgressão e da sanção	5.1 Ação da educadora cooperante após a transgressão da criança	<p>(...) [as] transgressões são (...) difíceis de lidar (...) (65)</p> <p>(...) o diálogo é a primeira estratégia que nós utilizamos (...) (66)</p> <p>(...) nem sempre resulta [o diálogo], nós sabemos disso, mas tenta-se, pelo menos tenta-se e faz-se sempre (...) (67)</p> <p>(...) é lógico que às vezes temos de tirar um menino do grupo porque não está a respeitar os outros (...) (68)</p> <p>(...) temos que retirá-lo [o menino] de uma atividade porque está a destruir o material (...), mas pronto tem que ser (...) (69)</p>
	5.2. Relação de proporção entre a gravidade da transgressão e a gravidade da sanção	<p>(...) eles têm de compreender que quando não agem corretamente têm de ser punidos (...) (70)</p> <p>(...) eu sou muito ruim para aplicar sanções (...) (71)</p> <p>(...) eu facilmente as deixo cair [as sanções], mas eu tento sempre que isso aconteça, mas não é fácil, não é fácil (...) (72)</p> <p>(...) acabo sempre por ceder (...) (73)</p>

		<p>(...) acho que cedo demasiadas vezes e isso depois traz algumas dificuldades em gerir e impor-me (...) (74)</p> <p>(...) hoje, houve um menino que negou-se a fazer o trabalho e eu disse: “- Pronto não vais à rua. Agora quando fizermos o intervalo não vais à rua.” (...) (75)</p> <p>(...) nos primeiros minutos ele não foi à rua, mas depois (...) eu acabei por ceder e dizer: “Olha, pronto, amanhã vais fazer, voltas a tentar e vais à rua.” (...) (76)</p> <p>(...) acabo sempre por ceder, não é bom, eu sei, tenho consciência disso (...) não consigo ser diferente (...) (77)</p> <p>(...) não [existe uma relação entre a transgressão e a sanção] (...) (79)</p> <p>(...) a criança nunca comete uma infração que justifique uma sanção grave (...) (80)</p> <p>(...) nem acho que o educador tenha autoridade para punir uma criança (...) (81)</p> <p>(...) normalmente as sanções passam por conversar com a criança de modo a que ela reconheça que o seu comportamento não foi o mais adequado (...) (82)</p> <p>(...) em situações mais graves [o menino] pode ser retirado do grupo ou impedido de continuar a fazer a atividade que estava a desenvolver (...) (83)</p>
	5.3 Ação da educadora cooperante como mediadora de conflitos	<p>(...) eu sou mediadora nesses conflitos (...) (84)</p> <p>(...) tento sempre ser justa (...) (85)</p>

		<p>(...) apoiar sempre a razão (...) (86)</p> <p>(...) neste momento acho que eles já conseguem resolver alguns conflitos de forma autónoma (...) (87)</p> <p>(...) em muitas situações é preciso ir lá mediar e tentar resolver entre eles [as crianças] (...) (88)</p> <p>(...) com o diálogo, com fazer compreender que se calhar não estão a ter uma atitude correta é preciso respeitar os outros (...) (89)</p> <p>(...) normalmente e no espaço exterior que eles [os conflitos] se acentuam mais (...) (90)</p> <p>(...) um não cumpre a regra, porque o outro não quer jogar (...) (91)</p> <p>(...) temos de ir gerindo (...) (92)</p> <p>(...) de vez em quando temos de funcionar um pouco como mediadores do grupo (...) (93)</p> <p>(...) quando o conflito é demasiado sério temos de intervir (...) (94)</p> <p>(...) normalmente esses momentos [de conflito] são momentos ricos na aquisição dessas normas (...) (95)</p>
--	--	--